

BARBOSA, Audrey Cristina; GODOY, Kathya Maria Ayres de. Iniciação à linguagem teatral – oficina de teatro da Academia Estudantil de letras da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo: um relato de experiência. São Paulo: Universidade Estadual Paulista/Instituto de Artes; Integrante do Grupo de Pesquisa Dança: Estética e Educação e Atriz. Universidade Estadual Paulista/Instituto de Artes; Docente do Programa de Pós-Graduação em Artes.

RESUMO

Esse artigo apresenta um relato de experiência sobre as práticas pedagógicas de iniciação à linguagem teatral, aplicadas na Escola Municipal de Ensino Fundamental Antenor Nascentes para estudantes do ensino fundamental I durante o processo de Oficina de Teatro da Academia Estudantil de Letras (AEL) da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME) em 2019. O objetivo é refletir sobre a relevância de projetos dedicados ao Teatro na escola pública. De que maneira essa linguagem artística promove a inclusão social dos educandos e auxilia no desenvolvimento das competências leitora e escritora. As atividades realizadas durante as aulas foram amparadas pelos conceitos de improvisação e jogos teatrais de Viola Spolin, além de jogos e brincadeiras da cultura popular.

PALAVRAS-CHAVE: Teatro. Teatro Estudantil. Jogos Teatrais. Processo Colaborativo. Educação.

ABSTRACT

This article presents an experience report on the pedagogical practices of initiation to theatrical language, applied at the Municipal School of Primary Education Antenor Nascentes for students of elementary school I during the process of Theater Workshop of the Academia Estudantil de Letras (AEL) of the Municipal Secretaria de Educação de São Paulo (SME) in 2019. The objective is to reflect on the relevance of projects dedicated to Theater in public schools. How this artistic language promotes the social inclusion of students and helps in the development of reading and writing skills. The activities carried out during the classes were supported by Viola Spolin's concepts of improvisation and theatrical games, in addition to games and popular cultures games.

KEYWORD: Theater. Student Theater. Theatrical Games. Collaborative Process. Education.

INTRODUÇÃO

Esse texto apresenta um relato de experiência sobre as práticas pedagógicas de iniciação à linguagem teatral aplicadas na Escola Municipal de Ensino Fundamental Antenor Nascentes¹, para estudantes do ensino fundamental I durante o processo de Oficina de Teatro da Academia Estudantil de Letras (AEL) da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME) em 2019.

¹ A direção da EMEF Antenor Nascentes autorizou a identificação da unidade escolar neste texto.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Antenor Nascentes, que neste texto será chamada carinhosamente de EMEF Antenor, está localizada na periferia da zona sul de São Paulo, no bairro Jardim Ubirajara pertencente à subprefeitura da Cidade Ademar.

A AEL assemelha-se às Academias de Letras oficiais. Está presente nas escolas da rede municipal há dez anos e na EMEF Antenor desde 2016. Cada estudante - jovem acadêmico - ocupa uma cadeira e escolhe um autor, amigo literário, apropria-se de suas obras e biografia. O projeto preza a integração entre os jovens acadêmicos e os amigos literários, com o intuito de fomentar o incentivo à leitura.

Sobre semear o hábito da leitura, Paulo Freire diz:

Se nossas escolas, desde a mais tenra idade de seus alunos se entregassem ao trabalho de estimular neles o gosto da leitura e o da escrita, gosto que continuasse a ser estimulado durante todo o tempo de sua escolaridade, haveria possivelmente um número bastante menor de pós-graduandos falando de sua insegurança ou de sua incapacidade de escrever. (2001, p. 267)

A portaria Nº 5.296, de 14 de agosto de 2015, publicada no Diário Oficial do Município, definiu as normas e procedimentos de implementação da AEL. Esse documento determina que as atividades devem ser mediadas por professores da própria unidade escolar, exercendo as funções de Coordenadores de Estudos Literários e Coordenadores de Atividades de Teatro. Nesse documento os objetivos da AEL são colocados tendo em vista: desenvolver o gosto dos estudantes pela literatura; ampliar o universo cultural dos educandos, elevando sua autoestima; promover a inclusão social dos educandos; desenvolver a competência leitora e escritora, por meio de metodologia lúdica.

Para as atividades de teatro o projeto prevê que sejam realizadas dinâmicas que explorem outras formas de expressão dos gêneros literários trabalhados nos encontros, possibilitando aos educandos o aprofundamento dos saberes a partir de adaptações das obras no formato teatral (SÃO PAULO, 2015).

Diante disso nas práticas pedagógicas de teatro realizadas na EMEF Antenor, foi empregada uma abordagem sociointeracionista (DAVIS e OLIVEIRA, 1994), com a finalidade promover uma iniciação à linguagem teatral. Por este motivo apesar de na portaria que norteia o projeto AEL constar o termo Oficina de Teatro, neste relato essas oficinas são chamadas de encontros de vivência teatral.

Os participantes eram crianças de oito a dez anos de idade. Por meio de um processo colaborativo² busquei despertar o prazer em fazer e apreciar o teatro, colocando em prática o que a Matriz de Saberes do Currículo da Cidade de São Paulo propõe. Tal documento tem como propósito:

² Processo de criação que busca a horizontalidade nas relações entre os participantes criadores do espetáculo teatral. Todos contribuem na construção da montagem com propostas de cenas, diálogos, iluminação, figurinos, cenários e trilha sonora.

Formar cidadãos éticos, responsáveis e solidários que fortaleçam uma sociedade mais inclusiva, democrática, próspera e sustentável. A Matriz de Saberes indica o que crianças e jovens devem aprender e desenvolver ao longo dos seus anos de escolaridade e pode ser sintetizada no seguinte esquema: Pensamento científico, crítico e criativo; Resolução de problemas; Comunicação; Autoconhecimento e autocuidado; Autonomia e determinação; Abertura à diversidade; Responsabilidade e participação; Empatia e colaboração e repertório cultural. (SME/COPED, 2017, p.33)

O escopo do projeto AEL estabelece que os jovens acadêmicos encenem uma breve apresentação cênica sobre um autor homenageado representante dos amigos literários. Esses espetáculos podem ocorrer durante a Festa Anual de Posse, nas Solenidades de Fundação de novas Academias ou na Mostra Anual de Teatro da Semana de Arte Moderna³. Para isso na EMEF Antenor foram desenvolvidos, jogos teatrais e um processo de criação que culminou em uma peça de teatro apresentadas em três eventos.

Ao longo do ano de 2019 foram realizados diversos passeios culturais conforme o programa recomenda, contudo neste relato vou citar apenas o evento extraescolar realizado no CEU Alvarenga.

ZIRALDO NOSSO AMIGO LITERÁRIO MALUQUINHO

Em 2019, o autor indicado a ser estudado pela AEL Heloisa Pires de Lima, nome da Academia Estudantil de Letras da EMEF Antenor, foi o escritor Ziraldo. Esta escolha se deu pelo fato de que entre os meses de setembro de 2018 a agosto de 2019, o autor ter recebido uma série de homenagens pelo conjunto de sua obra, como por exemplo: o 30º prêmio HQmix e as exposições na Casa Melhoramentos e no SESC Interlagos, sendo que nesta última exposição houve a apreciação de nossas crianças. Por este motivo escolhi o livro Diário de Julieta 2, para apresentar a obra às crianças e adaptar o texto para a montagem da peça. Vale destacar que os próprios educandos escolheram quais histórias presentes no livro eles queriam estudar para compor o espetáculo. O protagonismo feminino também foi um elemento levado em consideração na eleição desse texto. Havia um número meninas maior do que o de meninos participando do projeto; na obra há a presença do Menino Maluquinho, conhecido personagem infantil de Ziraldo, porém a personagem principal é a Julieta. Garota esperta, divertida, apaixonada pelo Menino Maluquinho e de idade aproximada das meninas integrantes do grupo.

Sobre a aproximação e identificação do estudante com a obra, Paulo Freire frisa:

É preciso deixar claro, também, que há uma relação necessária entre o nível do conteúdo do livro e o nível da atual formação do leitor. Estes níveis envolvem a experiência intelectual do autor e do leitor. A compreensão do que se lê tem que ver com essa relação. Quando a distância entre aqueles níveis é demasiado grande, quanto um não tem nada que ver com o outro, todo esforço em busca da compreensão é inútil. (2001, p. 265)

³Acontece sempre no segundo semestre e é realizada nos Centros Educacionais Unificados (CEU) escolhido como polo de cada região.

Outro fator para a seleção desse texto se deu pela possibilidade de todas as crianças disporem de oportunidades iguais de participação de destaque na apresentação. A relevância de uma personagem em uma peça não se dá pela quantidade de falas ou por entradas e saídas de cena, no entanto em um trabalho com crianças pequenas em um processo de iniciação à linguagem teatral, essa preocupação se faz presente e requer atenção. Creio ser válido promover meios em que o estudante não se sinta menor, ou sem chance porque é mais tímido e ainda não consegue se impor frente aos colegas. Caso alguma criança se sinta abandonada no processo do fazer teatral, pode ser que ela nunca mais se interesse em participar e esse não é o propósito. O objetivo é apresentar o gosto e o prazer da arte.

Sobre isso Gama diz:

Um dos conflitos enfrentados pelos professores-encenadores, que trabalham com grupos sediados em escolas, é a distribuição de personagens entre os seus integrantes. Encenadores que elegem apenas um ator como protagonista, acabam com os conflitos de relacionamento, criando uma série de descontentamentos entre os outros atores. Muitas vezes, o diretor perde um tempo enorme buscando reconduzir o trabalho teatral e tentando encontrar saídas para o problema instaurado. (2008, p. 90)

O teatro na escola desenvolve habilidades, ensina e diverte. Uma história pode ser contada e recontada inúmeras vezes, o encanto e a potência do teatro na educação está em explorar e descobrir, em parceria com os estudantes, novas formas criativas de contá-las. Muitas crianças têm o seu primeiro contato com o teatro no ambiente escolar, assistindo ou participando de alguma peça.

Sobre isso Taís Ferreira destaca:

Historicamente, o teatro acontece nos ambientes educacionais, formais e informais, em duas ocasiões: nas comemorações de datas festivas e cívicas ou como ferramenta de apoio a alguma atividade específica de disciplinas consideradas sérias, desenvolvendo conteúdo de outras áreas do conhecimento, como se o teatro em si não tivesse seus conteúdos próprios e de suma importância à formação de um cidadão apto a relacionar-se com as mais diversas linguagens. Essa competência é mais do que necessária ao sujeito no mundo contemporâneo, no qual a espetacularidade, as imagens e os sons recheiam nossos cotidianos, nos incitam a construir sentidos e significados, constituindo nossas identidades e subjetividades, acerca dos quais sempre pensamos ou nos posicionamos de forma crítica e consciente. (2012, p.9)

Cabe lembrar que estudantes que participam de alguma atividade teatral têm a oportunidade de desenvolver competências que serão úteis na fase adulta, como por exemplo: trabalho em equipe, negociação, improvisação e autoconfiança, conforme sugere os quatro pilares da educação⁴ presentes no relatório da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) coordenada por Jacques Delors (1996).

⁴ Os quatro pilares são: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver.

CONSTRUINDO VÍNCULOS

O projeto começou em março. Os encontros aconteceram as sextas-feiras das 12h às 13h30, antes do início das aulas regulares as 13h40, e eram norteados com a seguinte rotina: aquecimento com jogos teatrais, atividades de improvisação e investigação cênica, além de roda de conversa com autoavaliação. Nas semanas anteriores as apresentações, durante o ano letivo ocorreram três, essa rotina foi alterada. Realizávamos apenas o aquecimento e o ensaio da peça.

O livro Diário da Julieta 2 teve sua primeira edição em 2008 e é uma continuação do Diário da Julieta publicado em 2006. Narra em primeira pessoa, no formato de história em quadrinhos, as aventuras cotidianas da menina Julieta. Já no primeiro encontro propus a ideia de adaptarmos esse livro e construir uma peça de teatro. Questionei se alguém já tinha lido ou conhecia a Julieta e apenas uma menina informou conhecer, no entanto todos conheciam o Menino Maluquinho e isso ajudou a despertar o interesse em ler o texto.

Esse livro/diário é composto por quinze histórias, os estudantes fizeram uma triagem das quais mais gostaram. Como tinha apenas dois exemplares (um próprio e o outro emprestado da sala de leitura de outra escola) a turma foi dividida em dois grandes grupos, que realizaram uma leitura em voz alta para os colegas. As crianças ficaram livres para decidir quem era o leitor da vez. Ao final da leitura compartilhada, os educandos falaram quais contos gostariam de montar. Com esse exercício foram escolhidas oito, no entanto apenas seis foram apresentadas ao público. Com as improvisações e o aprofundamento dos estudos do texto, algumas cenas não se mostraram tão interessantes para o palco e foram descartadas.

As escolhas em geral levaram a um caráter diferenciado para a construção do espetáculo, por meio de um processo colaborativo. Essa metodologia de trabalho estimula o diálogo e a autonomia do educando, pois o professor não é o único responsável pelas decisões, os estudantes também são responsáveis pelas escolhas dentro do processo.

Sobre os benefícios de um processo colaborativo no teatro dentro do contexto educacional Patrícia Lupion Torres e Esrom Adriano Freitas Irala dizem:

(. . .) se reconhece nessas metodologias o potencial de promover uma aprendizagem mais ativa por meio do estímulo: ao pensamento crítico; ao desenvolvimento de capacidades de interação, negociação de informações e resolução de problemas; ao desenvolvimento da capacidade de autorregulação do processo de ensino-aprendizagem. Essas formas de ensinar e aprender, segundo seus defensores, tornam os alunos mais responsáveis por sua aprendizagem, levando-os a assimilar conceitos e a construir conhecimentos de uma maneira mais autônoma. (2014, p.61)

HORA DE JOGAR!

Nesse sentido incentivei que todos os participantes⁵ tivesse o seu diário. Era para ser um diário de bordo, mas na prática virou uma agenda de recados e caderno de anotações no qual eles registravam roteiros, sequências de ações e cola de falas que tinham dificuldade para consulta rápida. Cada um personalizou artisticamente a capa de acordo com a sua preferência e repertório pessoal. A maior parte dos educandos produziram a encadernação dentro do prazo solicitado, porém alguns só concluíram a confecção as vésperas da primeira apresentação em junho. Decidi não usar um encontro para esta produção porque, quis proporcionar uma atmosfera de privacidade e construção de identidade. O ato de encapar um caderno e confeccionar um diário em casa, possibilitou que cada criança realizasse composições artísticas combinando os elementos das Artes Visuais de acordo com o seu gosto e personalidade, sem a influência de um colega; além de ser uma maneira de inserir a família na rotina escolar da criança.

A ideia inicial era que em cada cena uma menina diferente interpretasse o papel da Julieta, contudo muitas delas ficaram inseguras em atuar como a personagem principal e a Julieta foi dividida por apenas duas estudantes.

A turma começou com aproximadamente vinte inscritos, digo aproximadamente porque a lista de chamada que recebi não tinha o nome de nenhum estudante que efetivamente frequentava os encontros. Depois de algumas solicitações de correção da lista não atendidas, comecei a controlar manualmente a frequência das crianças que compareciam aos encontros no diário de classe⁶.

Havia muita rotatividade, algumas crianças não tinham quem as trouxesse para a escola antes do horário da aula regular, principalmente as que têm irmãos e que o adulto responsável em levá-las teria de fazer duas viagens até a escola em um curto espaço de tempo. Por este motivo havia dois estudantes que levavam os irmãos mais novos para os ensaios, caso contrário teriam que sair do projeto. A presença desses irmãos foi bem curiosa. Com o passar dos dias eles foram inseridos no projeto, um participou das improvisações e apresentações e o outro ajudava na parte técnica, recolhia objetos e adereços, assumia a função de Ponto⁷ durante os ensaios, auxiliava na criação das cenas tecendo pequenos pareceres sobre elas. Ele tornou-se um “mini” assistente de direção.

Sobre o caráter inclusivo da prática teatral Taís Ferreira (2012) salienta que há diversos elementos da linguagem que podem ser desenvolvidos nas escolas que serão potentes estimuladores de habilidades. Por meio de atividades que relacionem o fazer e a apreciação teatral é possível a assimilação de conteúdos específicos do teatro (cenários, figurinos, iluminação e as linguagens verbais e cinestésicas) que perpassam as competências e

⁵ O trabalho de iniciação à linguagem teatral descrito neste relato tem o embasamento teórico e os estudos de Viola Spolin, por este motivo também me refiro às crianças (estudantes) como participantes ou jogadores.

⁶ Instrumento legal usado pelos docentes para registrar frequências e as avaliações dos estudantes, além dos conteúdos ministrados em sala de aula.

⁷ Profissional que fica em um lugar estratégico do palco e que lê o texto em voz baixa para os atores, com o objetivo de auxiliar a continuidade da peça.

habilidades necessárias à vida cotidiana, às relações humanas e ao mundo do trabalho. Na Base Comum Curricular (BNCC) consta a indicação da seguinte habilidade na área de linguagens que ilustra esse pensamento:

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação. (2017b, p.65)

Para iniciar o trabalho dramatúrgico e apresentar o conceito de sequência de acontecimentos e mudança espacial utilizei os recursos desenvolvidos por Viola Spolin (2008): O quê? Onde? Quem? O jogos teatrais mais utilizados foram: caminhada no espaço, jogo de bola, espelho e blablação. Destaco outros dois jogos que não estão no fichário de Spolin, pois pertencem à cultura popular, empregados nos encontros como aquecimento que estimulam a visão periférica, a concentração e prontidão: dançar e congelar quando parar a música e o preferido deles - detetive e assassino⁸ – Algumas vezes eles não queriam parar de jogar detetive, mais algumas rodadas eram realizadas e em seguida partiamos para o ensaio das cenas. Sobre essa empolgação no jogo Spolin diz:

Não há necessidade de pressa em apresentar novos jogos. Quando um grupo está participando de um jogo predileto com grande energia, envolvimento e entusiasmo ele está aprendendo. (2008, p. 22)

A condução das atividades teve inspiração nos ensinamentos teóricos de Viola Spolin, por sua sólida pesquisa sobre jogos teatrais e improvisação para teatro inclusive com crianças. Entretanto não me limito a ela, em minhas aulas de teatro utilizo também jogos e brincadeiras da cultura da infância. Empregar brincadeiras do universo infantil como recurso pedagógico auxilia no desenvolvimento do sentido cinestésico e ampliação da consciência corporal possibilitando um aprendizado no corpo como por exemplo prontidão, tônus e presença.

Em nenhum momento houve a instrução aos estudantes em decorar o texto. Sempre foi indicada a criação e improvisações a partir do assunto principal da história. “A experiência teatral, como brincadeira, é uma experiência grupal que permite a alunos com capacidades diferentes expressarem-se simultaneamente enquanto desenvolvem habilidades e criatividade individuais” como caracteriza Spolin (1979, p. 251). Contudo algumas crianças com a competência de leitura e interpretação de textos mais desenvolvida, dedicaram-se em estudar em casa e decorar algumas falas, mas isso foi um método de estudo que partiu do próprio educando, não foi uma solicitação da professora.

⁸ A professora escolhe (ou faz um sorteio) de duas crianças, uma será o assassino a outra o detetive e as demais serão as vítimas da cidade. A função do assassino é matar todas as vítimas dando uma piscada para elas, de forma que o detetive não perceba. Quando o assassino pisca para uma vítima, ela deve dizer "morri". A missão do detetive é descobrir quem é o assassino. Se descobrir quem ele é, deve dizer "preso em nome da lei". A brincadeira acaba quando todas as vítimas morrem ou quando o assassino é preso. Novas rodadas da brincadeira podem ser feitas com diferentes assassinos e detetives.

Afinal, segundo Paulo Freire, memorização maquinal não produz conhecimento.

Minha saída não está em memorizar porções de períodos lendo mecanicamente duas, três, quatro vezes pedaços do texto fechando os olhos e tentando repeti-las como se sua fixação puramente maquinal me desse o conhecimento de que preciso... Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. Ler é procurar buscar criar a compreensão do lido; daí, entre outros pontos fundamentais, a importância do ensino correto da leitura e da escrita. É que ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão. Da compreensão e da comunicação. (2001, p. 260-261)

Havia uma coreografia de abertura, com a música Menina Moleca do grupo Palavra Cantada⁹. Ela terminava com os meninos roubando os diários das meninas ficando apenas uma jovem atriz no palco, a primeira a interpretar Julieta, na cena intitulada: Um bom dia de *Shopping*.

Essa coreografia foram os estudantes que criaram. A turma foi dividida em quatro grupos, cada equipe tinha que explorar movimentos corporais e perceber alguns passos que poderiam ser usados no prólogo. Depois os grupos apresentaram aos colegas os passos que criaram. Um grupo teve muita dificuldade em realizar a tarefa, pois demonstrou pouca familiaridade com a linguagem da dança. Dois grupos conseguiram criar e executar com segurança os passos da dança, porém em um desses grupos houve atritos entre os integrantes. Essa atividade prática de improvisação para dança foi planejada para apenas um encontro, porém a aula seguinte também foi cedida para a execução dessa atividade. Não era esse o planejado, mas os estudantes pediram para realizar novamente, pois haviam tido ideias para a coreografia ao longo da semana.

A peça terminava com as crianças dançando livremente uma música da Xuxa versão *remix* de *funk*. Por ser um estilo musical que os jovens gostam, nas apresentações era comum ver crianças da plateia dançando junto com os atores no palco.

Os ensaios aconteciam no palco do pátio da escola, bem próximo aos banheiros e bebedouros. Estudantes de outros projetos (geralmente os de literatura e basquete) sempre davam uma “fugidinha” de suas atividades e ficavam observando os ensaios.

A construção da concepção do cenário se deu da seguinte forma:

Solicitei aos estudantes desenhar como eles imaginavam que poderia ser o cenário da peça. Como essa atividade foi realizada após vários ensaios de cenas eles já tinham noções espaciais dos ambientes da história. De um modo geral os desenhos tinham espaços delimitados (quarto da Julieta, sala de estar, consultório médico e *shopping center*).

⁹ Fundada pelos músicos Sandra Peres e Paulo Tatit compõe músicas para o público infantil com temática e instrumentos da cultura popular brasileira.

Com o cenário esboçado, propus novas improvisações de cenas levando em consideração a configuração espacial presente nos desenhos. Por fim, o cenário foi estabelecido conforme as sugestões das crianças. Delimitamos os ambientes com caixas de papelão encapadas e as cores predominantes eram o azul e o laranja. Essas cores em nada dialogavam com as com as preferências da personagem ou com as cores impressas no livro, que em sua maioria é lilás, rosa, vermelho e amarelo, mas papeis azuis e laranjas eram os únicos disponíveis em grande quantidade na escola. Entretanto o resultado final foi surpreendente, pois as cores vibrantes no palco produziu um clima de alegria adequado ao universo infantil.

As caixas demarcando os espaços ajudaram as crianças a ter um referencial de onde se posicionar em cena, principalmente na apresentação do CEU Alvarenga, evitando que estranhassem o espaço por ser diferente do que estavam habituados. Além das caixas havia algumas cadeiras, um cabideiro e uma faixa com o nome da peça.

No período da manhã sou professora de Arte do ensino fundamental II nesta mesma escola. Ao observar que alguns estudantes do 8º ano costumavam ficar no pátio observando as atividades de teatro, perguntei se eles tinham interesse e disponibilidade em ajudar voluntariamente na confecção do cenário. Informei que por ser uma atividade fora do horário regular da aula não poderia atribuir notas sobre o trabalho realizado no projeto. Neste voluntariado destaco a participação de duas adolescentes que além da feitura do cenário, contribuíram na monitoria das crianças no dia da apresentação no CEU Alvarenga. Elas ajudaram a mim e a professora pedagoga de estudo literário Marcia Cristina Resende de Souza¹⁰, que neste dia também participou do evento, a pentear os cabelos das crianças, levar ao banheiro, ajudar a desmontar e retirar o cenário e adereços do palco para a outra escola fazer a sua apresentação em seguida da nossa. Essas duas jovens assistiram vários ensaios e conheciam os participantes do projeto. Outra função desenvolvida pelas jovens voluntárias foi a monitoria durante a apresentação. Precisei distanciar-me das crianças neste momento, porque tive que ficar na cabine de som para colocar as músicas durante a peça. Por questões de segurança a professora Márcia ficou na coxia¹¹ do lado esquerdo do palco, que dava acesso a saída do teatro, e as duas estudantes do 8º ficaram na coxia do lado direito.

Apesar dessas duas estudantes não participarem oficialmente do projeto AEL, para elas também foi um aprendizado. Dias depois do evento uma delas me disse que aceitou o convite porque tem o sonho de ser professora. Nas palavras dela: “professora de criança pequena”.

A partir da fala dessa estudante é possível fazer uma associação com o pensamento de Larossa (2011). De acordo com o autor a aprendizagem se faz na prática na seara das experiências. “Uma experiência é, por definição, irrepitível.” (p. 16) “Talvez reivindicar seja também um modo de estar no mundo,

¹⁰ Em forma de agradecimento a parceria construída em 2019, cito o nome da professora com a sua devida autorização.

¹¹ Espaço de serviço e circulação não visíveis ao público, localizado nos extremos laterais e fundo do palco.

um modo de habitar o mundo, um modo de habitar também, esses espaços e esses tempos cada vez mais hostis que chamamos de espaços e tempos educativos.” (p.24). Podemos dizer que ela experienciou duas coisas ao mesmo tempo, fazer teatro e ter um dia como aprendiz de professora.

A peça *Diário de Julieta 2* foi a apresentação mais aplaudida no evento. Não se tratava de um festival ou mostra competitiva, mas fiquei envaidecida com o resultado. Para os integrantes do grupo essa devolutiva da plateia foi importante. Como eles disseram foi a primeira apresentação em um “teatro de verdade”. De acordo com Dewey (2010, p.110) o que eles vivenciaram foi uma experiência real.

A experiência, nesse sentido vital, define-se pelas situações e episódios a que nos referimos espontaneamente como “experiências reais” – aquelas coisas de que dizemos, ao recordá-las: “isso é que foi experiência.” Pode ter sido algo de tremenda importância – uma briga com alguém que um dia foi íntimo, uma catástrofe enfim evitada por um triz. Ou pode ter sido algo que, em termos comparativos, foi insignificante – e que, talvez por sua própria insignificância, ilustra ainda melhor o que é uma experiência.

IMPROVISAR E JOGAR, A REGRA É SE DIVERTIR

Antes da apresentação no CEU Alvarenga houve um ensaio aberto em uma atividade cultural da escola, foi um *Slam*, batalha de poesias, que nos intervalos havia apresentações de alguns projetos da escola. A coordenação perguntou se poderíamos apresentar algo. Deixei claro que a peça não estava pronta, mas aceitei a proposta por ser um bom exercício para as crianças.

Expus aos integrantes do grupo o conceito de ensaio aberto. Que apesar de ser ensaio eles tinham que apresentar como se a peça estivesse pronta e que essa dinâmica serve para perceber dificuldades e acertos para poder corrigir o que for necessário. Frizei a importância do improvisado em caso de algo não sair como o planejado e que um deve ajudar o outro. As crianças fizeram uma boa apresentação, demonstraram domínio do texto e desenvoltura em cena. Reflexo da assimilação dos conteúdos abordados e o aprimoramento das habilidades¹² proposto pelo Currículo da Cidade de São Paulo.

Nessa apresentação percebi a necessidade de introduzir alguns conceitos e exercícios de dicção e projeção de vocal. A apresentação foi no palco em que as crianças costumam ensaiar, mas a acústica do ambiente não se mostrou adequada para esse tipo de evento. Muitas pessoas na plateia, principalmente as que estava mais distante do palco, não conseguiram ouvir o que as crianças falavam.

No encontro seguinte ao ensaio aberto realizamos uma roda de conversa e autoavaliação. Todos gostaram muito de apresentar e os que faltaram no dia, explicaram a ausência. A principal justificativa foi que não tinha quem os trouxesse para a escola no sábado.

¹² Objetivo de Aprendizagem e Desenvolvimento: (EF05A17) Explorar e perceber elementos externos que podem se tornar elementos cênicos (objetos, personagens e situações) (EF05A18) Planejar, refletir e integrar as ações cênicas e seus elementos em improvisações teatrais.

A coordenação da Emef Antenor sugeriu uma nova apresentação na mostra cultural da escola. Para esse evento trocamos duas cenas que foram apresentadas no CEU Alvarenga. Em conjunto avaliamos quais seriam substituídas. O intuito era criar algo e surpreender o público (amigos, familiares e comunidade escolar) que já tinham visto as outras vezes.

Nessa última apresentação, que ocorreu em um sábado, houve muitas ausências. Os que estavam presentes conseguiram realizar as devidas adaptações que a situação exigia com bravura, mas os estudantes não se apresentaram com a mesma empolgação. Até os familiares que assistiram as outras exibições perceberam que as faltas prejudicaram o desempenho do grupo. Ainda sim essa adversidade contribuiu com o percurso educacional deles, na semana seguinte a professora Márcia me procurou informando que as crianças queriam fazer uma apresentação em outro evento da AEL mesmo sem o meu acompanhamento, pois todos os integrantes do projeto estavam presentes. Segundo a professora, eles afirmavam que estavam preparados e seguros para se apresentar, mas não foram autorizados pela equipe organizadora, visto que o cronograma da cerimônia não podia ser alterado.

De fato os estudantes decidiram se apresentar de última hora, não sendo viável a execução, mas é possível detectar algo importante em relação ao que vivenciaram como sujeitos dessa experiência (LARROSA, 2011). Houve um processo de transformação por meio de todas essas experiências com a vivência da linguagem teatral. Fico feliz em perceber o quanto esses estudantes se tornaram autônomos (FREIRE, 2001), donos de suas próprias histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto é oriundo da base da pirâmide da SME, fruto da iniciativa de uma professora atuante da rede. Trata-se de favorecer o protagonismo juvenil e possibilitar a troca de experiência entre os estudantes das escolas de diferentes diretorias de ensino da capital paulista.

Nos encontros de teatro da AEL o foco é: apresentar os elementos da linguagem, despertar o prazer que a arte proporciona, contribuir com o aprimoramento das competências leitoras e escritoras e promover meios em que os educandos se apropriassem da obra do escritor Ziraldo. Todavia ao longo do percurso o trabalho contribuiu estimulando a autonomia das crianças com apropriação e produção de conhecimento.

Um comportamento que chamou atenção foi o exacerbado medo dos educandos em errar, ou passar vergonha na frente de alguém durante as atividades. Por vezes na educação o erro é visto como um problema, mas no teatro o erro é provocativo, proveitoso e transformador. A linguagem teatral permite um processo de modificação, não existe a necessidade de se preocupar com o erro. É curioso, e por vezes triste, a preocupação e o peso que isso exerce nas crianças.

O teatro feito por estudantes na educação básica não tem uma obrigação espetacular, é uma manifestação expressiva do estudante. Sob essa ótica o

teatro tem o objetivo de formar público, sensibilizar e despertar o interesse, não necessariamente, formar atores.

Escola e teatro são similares no quesito incerteza, apesar de haver um planejamento para as aulas e ensaios para apresentações, percebemos que a cada aula, bem como a cada sessão de teatro é um evento único. A formação docente ocorre com a prática em sala de aula, da mesma forma que o ator aprimora o seu ofício no palco. A incerteza de maior peso nesse processo foi a presença, ou a ausência, dos participantes durante os ensaios e apresentações. A dependência de um adulto trazer o estudante para a escola influenciou muito percurso. Por vezes as crianças tiveram que lidar com a frustração de querer estar junto com os colegas, principalmente nos dias de apresentação, e não poder. Quando estavam presentes aprenderam a adaptar-se a situação assumindo um caráter emancipatório.

As avaliações contínuas realizadas ao longo do ano, mostraram que os estudantes compreenderam o que é o teatro em si, mas principalmente como é o teatro dentro de si.

Referências bibliográficas

DAVIS, Claudia; OLIVEIRA Zilma de Moraes Ramos de. **Psicologia na educação**. São Paulo: Cortez. 1994.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir** – Relatório UNESCO. Portugal. Edições ASA, 1996.

DEWEY, J. Teruma experiência. In: DEWEY, J. **Arte como experiência**. p. 109-141. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FERREIRA, Taís. FALKEMBACH. Maria Fonseca. **Teatro e Dança nos anos iniciais**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

FREIRE, P. Carta de Paulo Freire aos professores . **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 15, n. 42, p. 259-268, 2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9805>. Acesso em: 2 fev. 2021.

GAMA, Joaquim. Acerca do teatro e dos festivais estudantis. **Urdimento – Revisa de estudos em Artes Cênicas**, Santa Catarina, v.1, n. 10, set. 2008. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101102008085> . Acesso em: 12/09/2020.

LAROSSA, Jorge. **Experiência e alteridade em educação**. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 19, n 2, p. 04 -27, jul. 2011.

Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular/** Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB,

São Paulo (SP). Educação. Portaria nº 5.296, de 14 de agosto de 2015.

[Institui o Projeto “Academia Estudantil de Letras” nas Unidades Educacionais quem mantêm o Ensino Fundamental e o Ensino Médio da Rede Municipal de Ensino, define normas e procedimentos para a sua implantação e dá outras providências.]. **Diário Oficial Cidade de São Paulo**: Gabinete do Secretário: Poder Executivo, São Paulo, ano 60, n. 151, p. 11, 15 ago. 2015.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da Cidade**: Ensino Fundamental: Arte. São Paulo: SME / COPED, 2017.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais**: o fichário de Viola Spolin. São Paulo: Perspectiva, 2008.

TORRES, P. L.; IRALA, E. A. F. **Aprendizagem colaborativa**: Teoria e prática. 2014. Disponível em: <https://integra.univesp.br/courses/2763/modules/items/213929> Acesso em 03/03/2021

ZIRALDO. **Diário da Julieta 2**: as histórias mais secretas da Menina Maluquinha. São Paulo: Globinho, 2017.

